
A invisibilidade do coveiro e o Jornalismo Literário: Histórias de Paratinga¹

Tiago Florencio de ABREU²
Angelita Pereira de LIMA³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O presente trabalho visa analisar os discursos apresentados pelo personagem central do texto *O Coveiro*, presente no livro *Histórias de Paratinga*. A obra foi constituída a partir de elementos do Jornalismo Literário trabalhados por Lima (2008) e Pena (2006) com o apoio da noção dialogal da entrevista, proposta por Medina (2016). A análise permitiu considerar que as observações de Nelson, o coveiro, podem colaborar na compreensão da dinâmica social e econômica do município baiano de Paratinga e seus índices significativos e históricos de desigualdade (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Paratinga; Jornalismo Literário; entrevista; livro-reportagem.

1 INTRODUÇÃO

Esta análise redireciona o processo de investigação construído entre junho de 2016 até o final de 2018, período em que o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e o livro *Histórias de Paratinga*, do autor, foram elaborados. O projeto teve, como propósito, registrar histórias e atualidades acerca do município brasileiro de Paratinga, localizado na região oeste do estado da Bahia, a 740km de Brasília, e inclui o texto *O Coveiro*, foco deste trabalho, desenvolvido sob noções do Jornalismo Literário.

A definição contemporânea de Jornalismo Literário, assim como vários gêneros e formatos jornalísticos, é fonte de múltiplas contextualizações e de questionamentos. Passos e Orlandini (2008), por exemplo, não enxergam Jornalismo

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

² Jornalista graduado do curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da FIC-UFG, e-mail: tiagoabreupro@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da FIC-UFG, e-mail: angelitalimafg@gmail.com

Literário propriamente como um gênero híbrido, e sim um modelo paralelo que mistura Jornalismo e Literatura. Martinez (2009), por sua vez, analisou várias publicações teóricas acerca do tema, e não observou consensos acerca da ideia de Jornalismo Literário. Mesmo assim, ampara-se na definição de Edvaldo Pereira Lima, responsável por dizer que trata-se de:

Modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo. (LIMA, 2008).

Historicamente, ganhou destaque com registros jornalísticos publicados em diferentes lugares do mundo, especialmente durante o século XX. Foi por meio do chamado *New Journalism*, em ascensão nos Estados Unidos durante as décadas de 1960 e 1970, que uma geração de jornalistas como Gay Talese e Tom Wolfe (MARTINEZ, 2008) demonstrou uma possibilidade de narrativa distanciada da Pirâmide Invertida. Assim como descreve Passos e Orlandini (2008), a proposta não é um ordenamento informativo do mais importante ao menos importante, e a subjetividade, seja do sujeito, quanto do jornalista, é um fator mais preponderante em termos de estrutura textual.

Lima (2013) justifica a existência de um Jornalismo Literário Avançado em três categorias, que envolvem questões narrativas, voz autoral e contextualização do jornalista no mundo. Por essa noção, afirma que

Não cabe ao Jornalismo Literário limitar-se, tampouco, à estreita ligação linear de causa-efeito que o melhor do jornalismo convencional procura estabelecer, à caça de explicações para o real. Louvável iniciativa da imprensa convencional, em alguns casos, mas insuficiente para o Jornalismo Literário, que ousa mais, embarca em horizontes intelectuais de maior envergadura (LIMA, 2013, p.72).

Além disso, Edvaldo Pereira Lima (2008) aponta o gênero como um mosaico que “apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como um quadro sociológico histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local”.

Pena (2006), por sua vez, definiu Jornalismo Literário como “linguagem musical de transformação expressiva e informacional”, uma metamorfose, ideia que entra em consonância com Passos e Orlandini (2008), quando afirmam que a força deste tipo de prática jornalística consiste na “mutabilidade dos gêneros”.

O Jornalismo Literário, na perspectiva deste trabalho, permitiu que a obra caminhasse por uma narrativa aprofundada além das publicações baseadas em documentos. E, também, por ser uma forma de prática jornalística que não abraça o discurso questionável de neutralidade, embora com os rigores técnicos de apuração. Segundo Demeneck (2007), o Jornalismo Literário é um método para se compreender os fenômenos da realidade cultural alternativa em contraponto ao modelo industrial de produção jornalística.

Com o argumento de que a memória tem função social, como lembrado por Bosi (1987) ao trabalhar histórias de idosos, nos faz pensar na função a qual o Jornalismo Literário pode ter na construção de narrativas. Medina (2016) defende a imersão do jornalista no processo de diálogo e construção de reportagens, e permite pensar a relação existente entre o fazer jornalístico e o acesso à memória (PALACIOS, 2010).

É claro que, a partir das observações de Almeida (2010), é imprescindível situar que a escrita jornalística das memórias de um sujeito, ou seja, memórias individuais, podem contribuir num processo de identidade. Além disso, tal como as internalizações éticas demandadas pela prática jornalística, é necessário cuidado ao lidar com o território da memória coletiva, porque se trata, de acordo com o autor, um objeto de conquista, mas também “um instrumento e um objeto de poder”.

Uma das ferramentas para a construção destas narrativas é o aspecto dialogal da entrevista. Segundo Maia (2006) define que a sensibilidade do jornalista pode ajudar na construção de narrativas com qualidade pelo fato de serem pessoas “que deveriam ter uma visão mais ampla de sociedade”. A própria noção de entrevista como diálogo surge a partir de Entrevista: o diálogo possível, de Medina (1995) e, de acordo com Mariano (2018), é “uma referência para quem entende o jornalismo numa perspectiva humanista ou defende que o jornalismo pudesse vir a tornar-se menos hierárquico”.

2 O MUNICÍPIO E O LIVRO

Paratinga é um município brasileiro do estado da Bahia, localizado a 740km de Brasília e 710km de Salvador. Em pleno Vale do São Francisco, era ocupada, até sua promoção a categoria de freguesia em 1718, por fazendeiros, indígenas e africanos. Pela sua localização estratégica com o Rio São Francisco evidenciada por Freitas (1960), a localidade era passagem de viajantes e comerciantes de outras regiões da Bahia e de outras províncias do Brasil.

Até ganhar o status de município em 1897, o território de Paratinga foi desmembrado em outras cidades, como Macaúbas e Bom Jesus da Lapa. No passado, foi uma das principais vilas de sua região, gozando destaque ao lado de atuais municípios como Rio de Contas e Caetité (NEVES; MIGUEL, 2007).

Ao mesmo tempo, Paratinga foi atingida por epidemias, estiagens e casos de banditismo ao longo do século XIX. Considerada, desde os períodos imperiais, como parte de uma região extremamente pobre, o município concentra problemas históricos de desigualdade social – e só reconheceu suas primeiras comunidades quilombolas nos últimos anos (BAHIA, 2015, p.212). Além disso, convive com a seca até a atualidade.

Segundo Ribeiro e Oliveira (2015), apesar da redução do coeficiente de Gini (foi de 0,783 em 1920 para 0,558 em 2006), a concentração de terra ainda é considerável no município – e inclui grandes terras sob propriedades de prefeitos e vice-prefeitos. Isso aponta a uma tensão diretamente relacionada aos conflitos agrários ocorridos em diferentes cidades do Vale do São Francisco entre as décadas de 1950 a 1990 (ESTRELA, 2009). Paratinga também enfrenta um longo processo de problemas na preservação de seu patrimônio material que, segundo Santos (2002), estão “abandonados à própria sorte” pela gestão pública.

Durante a década de 2010, o nível das águas do Rio São Francisco baixou consideravelmente no município, o que tornou o braço direito da Ilha de Paratinga, entre os anos de 2017 e 2018, caminhável. Os afluentes e riachos, grande parte alimentados pelo transbordamento do rio, permanecem completamente secos durante a maior parte do ano.

Com base neste histórico, foi produzido o livro-reportagem *Histórias de Paratinga*. Além de seu teor documental, a obra também foi uma análise do movimento

da população e de suas memórias. O conteúdo foi sustentado em 51 entrevistas, documentos, notícias e reportagens jornalísticas, material audiovisual e obras antecessoras relacionadas, seja diretamente ou indiretamente, ao município de Paratinga. Sua construção também se deu por meio da observação participante, de forma que o pesquisador pudesse se inserir como parte do espaço descrito.

A intenção de embasar o trabalho a partir do material de apoio surgiu de forma que pudesse justificar inquietações do autor centradas nos processos históricos vividos por Paratinga. Assim, propunha-se responder o objetivo proposto para o trabalho de produzir “um livro-reportagem sobre a história recente do município baiano de Paratinga, a partir das memórias individuais dos moradores”.

É com base neste propósito que surgiu *O Coveiro*, sétimo texto do quarto capítulo de *Histórias de Paratinga*. Com a intenção inicial de registrar o Cemitério Municipal de Paratinga e seus problemas de superlotação – diretamente relacionado ao abandono dos espaços públicos pela gestão pública –, fui apresentado a Nelson Alves da Soledade, que trabalhava como coveiro no local e se tornou a principal fonte.

3 O COVEIRO

O texto em questão está presente no quarto e último capítulo do livro, responsável por apresentar uma visão mais específica acerca de pessoas e suas relações com o passado e o presente incluindo, principalmente, observações de idosos. Em *O Coveiro*, Nelson, funcionário do Cemitério Municipal de Paratinga e aos 65 anos, exerce seu trabalho ao lado do filho durante uma tarde em 19 de julho de 2018.

O Coveiro se passa desde a ocasião de entrada no cemitério, especificada pela saída de uma ex-prefeita, até à chegada a Nelson, posicionado à esquerda, perto de uma das covas. Na ocasião, o Cemitério Municipal de Paratinga era um caos anunciado em blogs e redes sociais por suas condições de superlotação. O espaço é aberto e abriga figuras de relevância na sociedade paratinguense.

Nelson, por outro lado e apesar de trabalhar no local há cerca de três décadas, não faz parte do grupo social a que pertencem os mortos e suas famílias. Negro, pobre e considerado, por si mesmo, invisível, é apelidado por “Nelson Coveiro”, nasceu no

município de Andaraí, na Bahia, e se mudou para Paratinga em 1982 sob a promessa de que o município, em suas águas, tinha muito peixe.

As próprias mudanças do Rio São Francisco, entre as antigas cheias até as atuais secas, são presentes em sua fala:

-Na saída da roça tem uma ilha. Lá chovia bastante. Todo mundo trabalhava capinando na enxada. Sabe o que é uma enxada?

-Sim. (ABREU, 2018, p.246).

Além das transformações temporais e espaciais em Paratinga, as falas de Nelson criaram um marcador entre ele e o repórter, entre a política local e o cemitério e sua própria condição social. Ele reforça ao dizer que desconhece os projetos e intenções do poder público acerca do cemitério. “Não tenho porque você sabe, coveiro é classe baixa, né?” (ABREU, 2018).

Como alguém a criar uma relação com a fonte por meio do diálogo, pensei imediatamente no quão direta a argumentação de Nelson era construída, ao invés do discurso político engendrado nas mesmas pessoas, teoricamente, acima dele.

Diante disso, Nelson estabeleceu, em diferentes pontos de sua fala, relações de classe dentro da sociedade paratinguense, diretamente atrelada ao funcionalismo público.

-É bem isso mesmo. É. É. É. Às vezes quem está lá naquele serviço não trabalha, não derrama suor no sol quente, pega o carro do patrão achando que é dele. É assim...

-E são só quatro anos.

-Brasileiros você sabe... (ABREU, 2018, p.246-247).

Nelson aguardava a aposentadoria – prevista, possivelmente, a partir de dois meses seguintes – e seu diagnóstico de diabetes o levou a mudanças nos hábitos alimentares. Mas a sua fala que me intrigou, a partir dali, se deu em referência à ex-prefeita que passou tempos antes.

-A família dela tá aí. E ela vem aqui direto, direto, ver o pai dela. Ou melhor, a cova do pai dela, porque não sabemos pra onde vai... O corpo tá aqui. (ABREU, 2018, p.248).

De acordo com dados do Censo Brasileiro de 2010 do IBGE, Paratinga é uma cidade essencialmente religiosa, sendo cerca de 90% adepta do catolicismo romano. O

número de pessoas sem religião é de 258 indivíduos (0,88%), sendo 20 deles declaradamente ateus.

Nelson, em tese, era um coveiro ateu. Uma atividade que, indiretamente, envolve muitos aspectos religiosos. Mas a sua vivência e experiência de vida demonstrava pensamentos diferentes dos meus pré-conceitos.

- O senhor acredita em ressurreição, esses temas cristãos?
- Eu não, desculpa falar, mas...
- Se considera ateu?
- Sou ateu. Vamos supor assim... Eu sou mais ateu. Só acredito no que eu tô vendo. Se eu vejo essa lápide aqui, tô acreditando.
- Já expressou isso publicamente?
- Não, só comigo mesmo. Quando eu vejo as pessoas dizer... Eu não acredito. ‘Você é crente?’. Respondo: ‘Não’. (ABREU, 2018, p.248).

Os seus receios me fizeram pensar em duas questões. A primeira, o que é ser ateu em uma cidade plenamente religiosa como Paratinga. O próprio comportamento de Nelson em se silenciar publicamente dava certos indícios. A segunda, se o próprio Nelson sabia o que é ser ateu.

- É, cada qual cada qual. Por isso que, quando alguém diz: ‘Ah, eu vou lá pro céu’ eu penso: ‘Você não vai pro céu não, é muito longe pra você ir’. Eu não tenho a esperança de morrer e ir para o céu. Vou pro chão. (ABREU, 2018, p.248-249).

O “céu” de Nelson é a Terra. E Paratinga, parte deste universo material do qual ele estava inserido, envolvia conflitos relacionados a costumes. Um desses casos, segundo ele, centrou-se na ação de cumprimentar todas as pessoas. E uma professora, “toda bonitona, você sabe”, disse ele, o ignorou.

- É. Aí vinha ela no meio do grupo. E as colegas: ‘E aí seu Nelson’. Ela viu aquilo e achava que eu não era gente. Ela só falou comigo na vista das colegas. Eu respondi porque queria que ela soubesse que sou gente.
- Você se sentiu desconfortável?
- Não, não, eu só senti que ela era mais analfabeta que eu. Não sei escrever, mas tenho educação.
- [...]
- Aqui na cidade se diz que, quando não é estudado, é burro. É um negócio assim. E já se sabe que quando a pessoa é estudada é mal educada. Não é só quem anda na gravata que é gente. (ABREU, 2018, p.249).

Na própria avaliação de Nelson, o preconceito que sofre não é uma questão de cor, e sim de classe. Seu argumento, naquela ocasião, foi de que “aqui é cheio de

negro”. O incômodo é com a forma que se veste ao trabalhar e como se veste. Ao mesmo tempo, observou que “pessoal aqui não tem dinheiro não... Só os prefeitos”.

O distanciamento dos gestores públicos, na avaliação de Nelson, se baseou na visão de comportamentos consideravelmente distintos em épocas de campanha e em períodos pós-posse. O gancho para isso se deu no fato de ter perguntado se profissionais da prefeitura visitam o local.

-Não, eles não vem não. Aqui é duro. Isso aqui é meio cruel. Aqui, o vereador vê o prefeito todo dia, você sabe. Quando eles se candidatam para ganhar, conhecem pessoas por pessoas aqui de Paratinga. Casa por casa. E vão prometendo as coisas. Quando ganham, você não vê mais. Aqui é assim.

[...]

-Vamos supor: Ele vai pedir, aí acha. Depois que faz, esquece o que foi dito, o que é de direito. Se eu chegar à casa do prefeito, ele vai me atender? Não vai. O secretário dele, que quer ser melhor que o próprio prefeito, não vai me atender. Acredita que aqui é assim? Um quer tomar o lugar do outro.

-É uma competição pelo poder...

-Na campanha, chega e abraça do jeito que estou. Sujo, suado, trabalhado. Me abraça: ‘Êee Nelson’ (ABREU, 2018, p.251).

A linguagem de Nelson é cercada, geralmente, por um humor externado com o riso. Mas, ao mesmo tempo, envolve uma seriedade diretamente relacionada à sua própria posição como coveiro e como morador paratinguense do Alto da Estrela, um bairro pobre.

-Depois que ganha, fica dentro do carro e, se não sair da frente, passa por cima. É, meu irmão. Aqui é assim. Não é que eu tô falando mal dele não. Se você procurar outro na frente, vai te dizer isso!

-Minha maior curiosidade recente é saber o que muda na cidade quando é eleito um novo prefeito.

-Nada! – ele me respondeu imediatamente.

-Nada?

-Nada. Nada. Aqui não tem um melhor que o outro. Por esse lado aí que você falou, não tem um melhor que o outro. Nada. A forma de tratamento é a mesma. E também não faz nada. Você vê Ibotirama, Bom Jesus da Lapa... Mudou. De 30 anos pra cá mudou muito. E aqui é...

-Essa merrequinha – completou o filho (ABREU, 2018, p.252).

As reflexões de Nelson carregam um paradoxo curioso. Ao mesmo tempo que se modificaram o comportamento e postura de governantes perante a posse com a população, não ocorriam mudanças, sob sua ótica, no gerenciamento do município. Isso se revelou, também, na forma como se despediu de mim naquele dia.

-Deus te acompanhe! (ABREU, 2018, p.252).

O coveiro ateu, sem estudo mas educado nas palavras, revela, com seu último gesto/palavra, a complexidade da existência da, fé e do cotidiano da morte. Humano, demasiado humano.

4 CONSIDERAÇÕES

Com base no histórico de Paratinga e seus desafios socioeconômicos, Nelson é um personagem que ecoa a invisibilidade e marginalização por pertencer a uma camada social e uma profissão não admirada por parte da população paratinguense. E, diante de um contexto desfavorável, se adaptou como pôde, inclusive ao adotar o discurso religioso mesmo sem acreditar nele.

Sob um aspecto abrangente, os temas que envolvem Nelson são propícios para se entender as relações de classe em Paratinga, uma vez que políticas públicas tem efeitos de curto e longo prazo, especialmente a considerar um município de relações consideráveis com o funcionalismo.

O Jornalismo Literário, bem como a relação com a fonte e ato de estar presente, como destacado por Medina (2016), foi fundamental neste processo. Nelson, em palavras, afirmou que pessoas não o visitavam. E justamente pelo ambiente o qual estava inserido, não esperava que alguém se fizesse presente.

Ao considerar essas questões, desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa, *Histórias de Paratinga* ganhou forma como um livro-reportagem de elementos literários e pesquisa histórica. Isso possibilitou que a obra, ao contexto da cidade abordada, ganhasse uma narrativa mais sólida.

REFERÊNCIAS

ABREU, Tiago. **Histórias de Paratinga**. Goiânia, 2018.

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de . Memória serve para quê? Uma análise "do que deve ser esquecido" e "do que pode ser lembrado" na História.. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Numem, 2010.

BAHIA. SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA DO GOVERNO DA BAHIA. **Programa de recuperação e manutenção de rodovias**. 2015. Disponível em: <<http://www.infraestrutura.ba.gov.br/arquivos/File/publicacoes/aisa.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro; ABREU, Tiago Florencio de; MOTA, Gustavo Henrique Jubé da. O Iboatinga: Nacionalismo, Jornalismo e História. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 49-59, 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo, EDUSP, 1987, v. 1.

DEMENECK, Ben-Hur. **Folkcomunicação e jornalismo literário: uma relação que promove um pensar jornalístico humanista**, 2007.

ESTRELA, E. Expropriação do campesinato e resistência no Médio São Francisco Baiano (1970-2000). Anais... **ANPUH–XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA–Fortaleza**, 2009.

FERREIRA, Jurandyr Pires et al. **Enciclopédia dos municípios brasileiros, vol. XXI**. Rio de Janeiro: IBGE, pp.103-106, 1958.

FREITAS, Victor Figueira de. **Na Bacia do São Francisco**. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, S. A., 1960.

LIMA, Edvaldo Pereira. Conceitos. **Textovivo - Narrativas da Vida Real**. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20080827160908/http://www.textovivo.com.br/conceitos.htm#1>>. Acesso em: 7 abr. 2019

_____. Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI. **Inovcom**, v. 5, n. 2, p. 68-78, 2013.

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª edição. São Paulo. Manole, 2009.

MAIA, Marta Regina. A História Oral como recurso metodológico. **Revista Contracampo**, n. 15, p. 137-150, 2006.

MARIANO, Agnes. A entrevista como tema de pesquisa no campo da comunicação. **Revista Famecos**, v. 25,n.2, p. 1-17, 2018.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói: estrutura narrativa mítica para a construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

_____. Jornalismo literário: um gênero em expansão. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 32, n. 2, p. 199, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

_____. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1995.

NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. **Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia.** Salvador: Arcádia, 2007.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **MATRIZES**, v. 4, n. 1, 2010.

PASSOS, Mateus Yuri; ORLANDINI, Romulo Augusto. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário. **Revista Contracampo**, n. 18, 2008.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** 2006.

RIBEIRO, Carolina Silva; OLIVEIRA, Gilca Garcia de. Poder político e propriedade da terra no território do Velho Chico, Bahia. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 17, p. 179-207, ago. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000300179&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 6 mai 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151707>.

SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. Campanha reafirma unidade do Rio São Francisco. **Revista do legislativo**, Belo Horizonte, n. 34, p. 88-96, maio/ago. 2002, 2002.